

## NAÇÃO XERENTE: O REDIMENSIONAMENTO E A RETERRITORIALIZAÇÃO DOS AKWĒ-XERENTE MEDIANTE O USO DAS REDES SOCIAIS

### XERENTE NATION: THE REDIMENSIONING AND THE RETERRITORIALIZATION OF THE AKWĒ-XERENTE PEOPLE THROUGH THE USE OF SOCIAL NETWORKS

Elvio Juanito Marques de Oliveira Júnior  
Universidade Federal do Tocantins (UFT)  
elviojornalista@gmail.com

**Resumo:** *Discute-se aqui o redimensionamento e a reterritorialização das tradições indígenas mediante o poder da modernização social e, conseqüentemente, do acesso aos meios de comunicação. Eis que surge diante dos povos nativos um novo espaço, o ambiente virtual, no qual há apropriação, manifestação dos seus costumes, anseios e, proporcionalmente, novos contextos interativos. Toma-se como objeto de estudo o contexto virtual do povo AkwĒ-Xerente, de Tocantínia-TO, que em meio a utilização das redes sociais, fazem deste canal, não apenas uma forma de interação social, mas espaços democráticos, propícios por um lado na luta pela preservação e fortalecimento das suas identidades e narrativas culturais e por outro na reestruturação de seus próprios territórios.*

**Palavras-chave:** *Indígenas; Ambiente Digital; Novos Territórios*

**Abstract:** *It is discussed in this study the redimensioning and the reterritorialization of the indigenous traditions facing the power of social modernization and, consequently, the access to the means of communication. A new space arises in the native peoples lives, the virtual environment, in which, there is an appropriation, the manifestation of their habits, expectations and, proportionally, new interactive contexts. The study object of this work is the virtual context of the AkwĒ-Xerente people - from Tocantínia, Tocantins, Brazil - that by the use of social networks turn this channel of communication not only into a way of interaction, but also into a democratic space. It becomes an important tool in the fight for conservation and strengthening of their identities and cultural narratives, as well as restructuring their own territories.*

**Keywords:** *Indigenous peoples; The Virtual Environment; New Territories*

### Introdução

Com o processo de modernização e, certamente, globalização<sup>1</sup>, os povos indígenas passaram a conviver com um novo contexto social e cultural, o acesso às tecnologias e os meios de comunicação. Esse último garantiu uma relocação dos modos interativos, graças ao acesso à televisão, rádio e internet que conseqüentemente redimensionam os modos de ser e viver dos nativos nas aldeias e para com a sociedade envolvente.

O território tradicional, em que os indígenas se apropriaram para as suas manifestações culturais, foi reestruturado em um novo território, o que chamaremos de 'ambiente virtual'. Conectado pela internet, os nativos têm, ao passar dos tempos, presença notória em sites, blogs e mais recentemente nas redes sociais.

Portanto, para melhor exemplificar isso, analisaremos a presença dos *AkwĒ-Xerente* no universo digital, os quais passaram a criar espaços de interação, manifestação, propagação, divulgação e de luta por seus ideais. Por outro lado, apropriam, "ancoram"<sup>2</sup> seus costumes e

1 "O conceito de globalização, portanto, não deve ser entendido em relação ao globo terrestre, mas sim no sentido de uma ação ou processo, ou seja, a sua realização ou a sua vivência simultânea em múltiplos pontos do espaço". (ELHAJJI, 2004, p. 42)

2 Graças ao distanciamento espaço-temporal, característico dos contextos da interação mediada e da quase mediada, que Thompson (2008, apud Nilo, 2010) chega à tese da nova ancoragem da tradição, isto é, ao fato desta tradição não se limitar mais aos contextos práticos da vida cotidiana e ter se expandido, renovando-se e sido ancorada em novos contextos interativos, que vão bem além dos limites das situações de origem.

reterritorializam numa “aldeia globalizada”. Para Nestor García Canclini (2015) os sentidos das tecnologias se constroem conforme os modos pelos quais as culturas se institucionalizam e se socializam:

A questão é entender como a dinâmica própria do desenvolvimento tecnológico remodela a sociedade, coincide com movimentos sociais ou os contradiz. Há tecnologias de diferentes signos, cada uma com várias possibilidades de desenvolvimento e articulação com as outras. Há setores sociais com capitais culturais e disposições diversas de apropriar-se delas, com sentidos diferentes (...). (CANCLINI, 2015, p.308).

Ao partir desse pressuposto teórico, a presente análise adentrará em uma revisão de literatura, por meio de uma pesquisa empírica, sobre a temática da cultura indígena e os novos territórios digitais. E será realizado ainda uma Análise de Conteúdo, por meio das publicações na página digital intitulada “Nação Xerente”, no Facebook, por meio de três fases: pré-análise, análise do material e tratamento dos resultados (inferência e interpretação) (CANÇADO, 2011; BARDIN, 2009).

É importante ressaltar que as tradições culturais indígenas, não correm o risco de “perder suas raízes” ou virem a desaparecer (THOMPSON, 2008), mesmo com o papel de transformação que os meios de comunicação provocam, e nem tão pouco se perde o ethos<sup>3</sup> indígena. Assim como, a reterritorialização e desterritorialização, que são movimentos que estão longe de fazer desaparecer os territórios, como complementa Rogério Haesbaert (2003), ao contrário, deve ser interpretado como um processo relacional, desterritorializador, onde o próprio território se torna mais complexo. Acima de tudo, queremos refletir o ambiente virtual como um novo território dos nativos indígenas. E como os Akwẽ-Xerente estão conseguindo inscrever nas novas mídias suas marcas identitárias e, com isso, os indígenas estão desconstruindo os equívocos de que suas culturas são congeladas, atrasadas ou que não podem ter acesso às tecnologias.

### **Akwẽ-Xerente e o Redimensionamento das suas Tradições**

Por mais que prevaleça no discurso social o equívoco de que os indígenas são sinônimos de grupos com culturas congeladas, atrasadas e, assim, vivem em isolamento<sup>4</sup>, esses mesmos nativos vêm provando o contrário. As comunidades indígenas redimensionaram suas tradições culturais e como todos os grupos sociais passaram, proporcionalmente, por transformações. Portanto, não podemos continuar reforçando estes equívocos sobre as culturas indígenas, como bem explica José Ribamar Bessa Freire (2000) no texto “Cinco ideias equivocada sobre os índios”:

[...] o brasileiro pode usar coisas produzidas por outros povos - computador, telefone, televisão, relógio, rádio, aparelho de som, luz elétrica, água encanada - e nem por isso deixa de ser brasileiro. Mas o índio, se desejar fazer o mesmo, deixa de ser índio? É isso? Quer dizer, nós não concedemos às culturas indígenas aquilo que queremos para a nossa: o direito de entrar em contato com outras culturas e de, como consequência desse contato, mudar (2000, p. 12-13).

E é justamente ao se apropriarem das tecnologias e estarem diante do ambiente digital, que esses povos desconstruem também o equívoco de que os indígenas não podem ter acesso às tecnologias.

<sup>3</sup> “O ethos de um povo é o tom, o caráter e a qualidade de sua vida, seu estilo moral e estético, e sua disposição é atitude subjacente em relação a ele mesmo e ao seu mundo que a vida reflete.” (GEERTZ, 1989, p. 93)

<sup>4</sup> (...) somos tentados a pensar que as sociedades indígenas de agora são a imagem do que foi o Brasil pré-cabralino, e que, como dizia Varnhagen, por razões diferentes, sua história se reduz estritamente à sua etnografia. (...) moldando unidades e culturas novas, cuja homogeneidade reside em grande parte numa trajetória compartilhada. (...) a ideia de isolamento deve ser usada com cautela em qualquer hipótese, pois há um contato midiático. (CUNHA, 2012, p 12).

O povo *Akwẽ-Xerente*<sup>5</sup>, que será analisado nos próximos capítulos, é um exemplo notável dessa imersão no universo tecnológico. “O Povo Indígena *Akwẽ-Xerente* ocupa duas terras indígenas na cidade de Tocantínia, Tocantins [Terra Indígena Xerente e Terra Indígena Funil]. Estado incluído na região Norte e na Amazônia legal” (SILVA, 2015, p.110). Os indígenas estão distribuídos em 74 aldeias, com uma população de 3814 pessoas (LIMA, 2016).

Para tanto, é notório que estes lidam com a ampliação de tais contextos de interação social, mediante o desafio da manutenção da tradição diante do acesso aos novos meios de comunicação e, conseqüentemente, do redimensionamento das suas tradições culturais:

[...] os índios [...] não deixam de vivenciar certos costumes na interação face a face, como por exemplo, nas cerimônias de batismo, que acontecem com a presença de todos (cantando e dançando) ao mesmo tempo e no mesmo espaço físico. Enquanto isto, paralelamente, recorrem aos recursos tecnológicos, cujas plataformas de armazenamento, destas formas simbólicas, garantem tanto uma durabilidade atemporal, quanto uma extensão desta cultura ora registrada (NILO et al, 2013, p. 7).

Portanto, a mesma autora afirma que nas aldeias *Akwẽ-Xerente*, há uma preocupação em preservar suas tradições e inserirem, paralelamente, as tecnologias de comunicação e informação na rotina diária das aldeias. E recorremos a Gallois e Carelli (1998), que ressaltam e justificam essa nova realidade nas comunidades indígenas:

Ao registrarem e visualizarem, no pátio das aldeias, suas performances – sejam rituais ou negociações políticas – essas comunidades selecionam, reconstróem e fortalecem manifestações culturais que elas desejam preservar para as futuras gerações e, sobretudo, que elas julgam adequadas para se contrapor aos não índios. Neste segundo momento, a exigência de acesso à informação se completa com a exigência de comunicação (GALLOIS e CARELLI, 1998, p.3).

Nilo et al (2013), por sua vez, descreve também que nas aldeias Xerente, especialmente na Porteira (uma das mais populosas), há acesso à televisão (a cabo) e a rádio, na grande maioria das casas. A internet é utilizada por meio de computadores nas salas de informática das escolas indígenas e ainda com uso de celulares, porém com acesso limitado. Vale lembrar que as aldeias são bem próximas aos centros das cidades de Tocantínia e Miracema, e parte dos nativos são universitários, por este motivo as tecnologias de comunicação e informação se fazem ainda mais presentes para os mesmos.

Porquanto, em meio à modernização<sup>6</sup>, os povos indígenas<sup>7</sup> acarretaram, conseqüentemente, mudanças para com suas tradições e formas de interação<sup>8</sup> com os próprios nativos e com a

5 Os *Akwẽ-Xerente*, povo que se localiza em terras demarcadas no Estado do Tocantins, pertencem à família linguística Jê, tronco Macro-Jê. Atualmente, sua população aproximada é de 3800 indivíduos. “Os Xerente, junto com os Xavante e Xakriabá, são classificados como Jê Centrais e se localizam no município de Tocantínia (TO), cerca de 70 km ao norte da capital, Palmas, entre os rios Tocantins e do Sono, nas terras indígenas Xerente e Funil, que somam 183.245,902 hectares” (SCHROEDER, 2010). Os Xerente se autodenominam *Akwẽ* (gente, pessoa, indivíduo, humano).

6 Novaes (1994, p.181) confirma que: “Ao fim de muitos anos de convivência e observação, resta à convicção muito forte de que nas culturas indígenas se encontram muitos traços, muitas direções, de uma verdadeira modernidade”.

7 Para ser ter uma ideia da presença e dimensão dos povos indígenas no contexto brasileiro, o Censo Demográfico realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), de 2010, mostra que as comunidades indígenas tiveram expressivos números de crescimento habitacional. Os dados revelam que a população indígena brasileira é de 896,9 mil indígenas. De acordo com este mesmo censo, foram identificadas 305 etnias, presentes nas cinco regiões do Brasil, sendo que a região Norte é aquela que concentra o maior número de indivíduos. E que ainda, 36,2% dos indígenas vivem em área urbana e 63,8% na área rural.

8 Segundo Thompson (2008), os contextos interativos são face a face; o mediado, que se estabelece através do uso de recursos técnicos; e o quase mediado, cuja interação ocorre de forma estendida no tempo e no espaço, com mediação dos meios de comunicação de massa.

sociedade envolvente. Thompson (2008, p.160) confirma que “... as tradições mesmas foram transformadas à medida que seu conteúdo simbólico foi sendo assumido pelos novos meios de comunicação”. Portanto, “pensar esses rituais contemporâneos implica em pensar as transformações contemporâneas dos coletivos indígenas em virtude da crescente interação com as sociedades nacionais” (DEMARCHI, 2014, p 30).

Por outro lado, mesmo com a afirmação de Martín-Barbero (2003, p. 272, apud TAVARES, 2013, p. 6), de que “nasce uma contradição que deriva das consequências da adoção de uma tecnologia, signo do desenvolvimento, em culturas consideradas tradicionais e até mesmo coloca o patrimônio simbólico em risco”, as tradições não correm o risco de “perder suas raízes” (THOMPSON, 2008). É preciso ressaltar o discurso de Fausto (2006, p. 30), e admitirmos uma centralidade das mudanças provocadas pela sociedade informacional, mas “[...] sem cair no discurso vitimizante da contaminação, da perda cultural, da homogeneidade causada pelo sistema mundial”. E assim, “ancoraram” suas tradições em um (novo) território, o do ambiente da comunicação, no qual inclui consequentemente o virtual, redimensionando suas tradições culturais.

Todavia, as culturas indígenas estão se apropriando das novas perspectivas, e assim adquirem outras formas culturais ao passar dos tempos, sem que isso tenha qualquer implicação para com esses grupos étnicos (Barth, 1995). E que fique claro, a globalização e o capitalismo não estão destruindo e homogenizando as culturas e sim gerando novas formas culturais (SAHLINS, 1997). É como ressalta Stuart Hall (2006, p.8) “(...) as identidades estão sendo “descentradas”, isto é, deslocadas ou fragmentadas”, são, pois, líquidas e estão em constantes mudanças (BAUMAN, 2003), são as chamadas “culturas híbridas” (Canclini, 1997).

## Nação Xerente: da Rede Social ao um Ambiente de Manifestação Cultural

Ao falarmos dos sites de redes sociais, é preciso lembrar que estes passaram a existir posteriormente ao advento da internet, que, por sua vez, surgiu em meados da década de 1970 no Estados Unidos da América. (GOETHALS; AGUIAR; ALMEIDA, 2000). Com o passar dos anos e a proliferação desses sites que instituíram uma nova modalidade de interação, surge o Facebook<sup>9</sup>, o qual, ao longo da sua existência, de acordo com Kirkpatrick (2011), tornou-se o maior site de rede social da história da humanidade. As redes sociais têm uma interação, um tanto peculiar, de acordo Rosa e Santos (2013), devido a quatro características:

Dá-se por meio de perfis elaborados pelos usuários que se representam nas redes; independe de critérios de tempo e espaço; pode advir em diferentes modalidades (um-para-um, um-para-muitos e muitos-para-muitos); permite o acesso e a interferência de diferentes usuários conectados pelas redes (ROSA e SANTOS, 2013, p. 20 - 21).

Para Rheingold (1993), a despeito das tecnologias e de todas as ferramentas e dispositivos inerentes a esse meio, a relação interpessoal que envolve usuários conectados é que mantém e gera o interesse dos indivíduos por essas redes. Os primeiros registros de participação na internet de indígenas do Brasil, de acordo Eliete Pereira (2007), são de 2001, e essa participação expandiu e inclui sites<sup>10</sup>, blogs e portais:

Os povos indígenas podem divulgar os seus valores e pontos de vistas para o mundo, não só, podem formar redes de apoio, conhecer pessoas, construir relacionamentos e se fazerem presentes além das aldeias, ou dos espaços territorialmente demarcados (PEREIRA, 2007, p. 41).

Anterior a isso, os indígenas já se relacionavam e manifestavam com ajuda da internet

9 Criado em 2004, no interior de Harvard University, sendo seu idealizador Mark Elliot Zuckerberg (KIRKPATRICK, 2011).

10 Ver a dissertação de mestrado de Leilane Leal Marinho, nomeada “O Krahô na Rede e a Associação Centro Cultural Kájre”, do mestrado de Ciências do Ambiente da Universidade Federal do Tocantins, que traz à tona uma pesquisa sobre o site kajre.org, idealizado pelos Krahô.

desde o século XX, sendo mais específico em janeiro de 1994, durante o movimento zapatista no século XX, no estado de Chiapas – México: “(...) se transformou num movimento com repercussões transnacionais inaugurado por ações comunicativas viabilizadas pelos circuitos digitais”, como explica Eliete da Silva Pereira (2007, p.50). O grito de “*Ya basta!*” (*Já basta!*) era justamente em oposição às situações precárias em que viviam as populações indígenas e até mesmo as camponesas.

O movimento<sup>11</sup>, mesmo sem saber, se torna um ação mobilizadora chamada de ativismo digital ou ciberativismo. Ele não tinha como objetivo a tomada de poder, nem mesmo a constituição de um partido político, mas buscava um diálogo permanente em prol da democracia.

E para exemplificar a presença dos indígenas nas redes sociais, seja na relação ativista ou de interação social, passaremos a analisar aqui a página no Facebook<sup>12</sup>, nomeada “Nação Xerente – Tocantínia/TO”. A administração e publicação dos assuntos são efetuadas por nativos *Akwẽ-Xerente*, sendo mais específico por S. B. Xerente<sup>13</sup>. Tal informação foi confirmada por meio de mensagem, chamada de *inbox* (bate papo), diretamente na mencionada página, descrita acima. O que pode comprovar ainda e inicialmente, que há um novo território em meio aos indígenas *Akwẽ-Xerente*, o virtual.

A rede social refere-se aos indígenas *Akwẽ-Xerente* ou *Xerente*, como são conhecidos pelos não indígenas, localizados na região central do Tocantins, e traz à tona diversos assuntos em torno das questões indígenas dos nativos, tais como a política na comunidade, por meio de reportagens divulgadas na mídia, eventos tradicionais de Tocantínia, além de seus costumes e anseios<sup>14</sup>. Assim, é notável que não querem destacar apenas as tradições indígenas, mas ressaltam aspectos e fatos sociais, comprovando que integram a sociedade e que buscam a igualdade, o “ser brasileiros”, como bem ressaltam Gallois e Carelli (1998):

Os índios não se recusam a ser “cidadãos brasileiros”. Tampouco estão alheios, por incapacidade cultural, às técnicas e conhecimentos que lhes permitam melhorar suas condições de vida, em acordo com padrões culturais e formas de organização social que eles não pretendem abandonar suas formas de apropriação, seletivas, de elementos culturais externos não têm, forçosamente, como resultado, a perda de identidade. Nossa civilização nem “desbota” nem representa uma escolha exclusiva (GALLOIS & CARELLI, 1998, p.27).

É notório, pois, que essa rede social divulga temas e assuntos relevantes a estes povos e outros nativos do Brasil, por meio de fotografias, vídeos, reportagens e textos, o que significa que há uma apropriação e convergência de diversas mídias, do audiovisual ao universo das redes sociais. Há ainda, uma participação de indígenas nos comentários, o que para Pereira (2007) é “um tipo de protagonismo indígena”, ao apontar ainda o direito à voz como uma especificidade da internet<sup>15</sup> a ser considerada importante por mostrar o cotidiano desses povos e, ao mesmo tempo, de poderem manipular e atualizar a imagem que eles têm deles próprios quanto àquela que eles querem transmitir aos usuários indígenas e não indígenas. “Dar voz aos índios é permitir que eles expressem, sem tutor, sua posição quanto ao convívio com nossa sociedade” (GALLOIS e CARELLI, 1998, p.4). Todavia, esses novos ambientes de comunicação e informação reconstróem e ressignificam suas particularidades culturais:

11 Pereira (2008, p. 4) descreve o movimento: “A utilização da internet permitiu aos zapatistas disseminar seus comunicados e denúncias ao mundo, criando uma rede de grupos de apoio mobilizadores de uma opinião pública internacional capaz de impedir o governo mexicano de usar a repressão em larga escala e forçando-o a negociar com os zapatistas”.

12 A página do facebook pode ser encontrada no link: <https://www.facebook.com/nacaoxerente/?fref=ts>. Acesso em: 02 abr 2017.

13 Aqui foi utilizado as iniciais, visando resguardar a fonte/entrevistado.

14 O que pode justificar o ciberativismo indígena, ao partir do pressuposto de que: “essa forma de ativismo é realizada com a intenção de divulgar e abrir espaços para determinadas causas e possíveis discussões sobre os assuntos” (RESENDE et al, 2015, p.3)

15 Pinto (2008) diz que a inclusão digital destinada à população indígena é mais do tipo restrita, isto é, aquela ligada à disponibilidade de equipamentos tecnológicos, o consumo de recursos e informações e a capacitação de pessoas para o uso de computadores.



Os povos indígenas se fortalecem em situações de comunicação, nas quais as situações particulares fazem sentido e quando eles podem manifestar respostas culturalmente adequadas. O formato de suas culturas depende, efetivamente, de uma dinâmica de recriação permanente de diferenças, que assumem como afirmação política e que tem muito a ganhar no acesso aos meios de comunicação. Esta é a verdadeira face do “índio eletrônico” (GALLOIS e CARELLI, 1998, p.3).

A internet teria não só a função de potencializar as relações com a sociedade não indígena, nas práticas sociais, expondo as elaborações que fazem do mundo indígena, mas também e para a cobrança e reivindicação de direitos, na partilha de conhecimentos, saberes e valores. E é justamente na internet que os nativos encontram um ambiente favorável para essas práticas e, mesmo sem perceber, criam um novo território, o digital.

### **Novo Território: a Chamada Reterritorialização e a Internet**

Para Haesbaert (1999) a leitura de território<sup>16</sup> está mergulhada em nossos sistemas de significação e que vai muito além do espaço físico e/ou geográfico:

O território envolve sempre ao mesmo tempo [...], uma dimensão simbólica, cultural, através de uma identidade territorial atribuída pelos grupos sociais, como forma de ‘controle simbólico’ sobre o espaço onde vivem, sendo também, portanto, uma forma de apropriação, e uma dimensão mais concreta, de caráter político-disciplinar: a apropriação e ordenação do espaço como forma de domínio e disciplinarização dos indivíduos (HAESBAERT, 1999, P. 42).

Assim, na mesma visão, Raffestin (1988, p. 272) complementa: “o território é uma reordenação do espaço na qual a ordem está em busca dos sistemas informacionais dos quais dispõe o homem enquanto pertencente a uma cultura (...)”.

Little (2002, p.3) define a territorialidade “como o esforço coletivo de um grupo social para ocupar, usar, controlar e se identificar (...)”. Os povos tradicionais indígenas se esforçam por mostrar que seus territórios, conhecidos como terras indígenas<sup>17</sup>, não representam uma ameaça ao Estado brasileiro. “Não possuem fins separatistas, não guardam exércitos próprios, se consideram cidadãos brasileiros. O que procuram é o reconhecimento de seus territórios e do modo de vida que construíram ali” (Little, 2002, p. 20). O autor ainda explana que a noção de lugar se expressa nos valores diferenciados que um grupo social atribui aos diferentes aspectos de seu ambiente.

Na mesma linha Bonnemaizon e Cambrèzy (1996, p.10) ressalta que “(...) O poder do laço territorial revela que o espaço é investido de valores não somente materiais mas também éticos, espirituais, simbólicos e afetivos. É assim que o território cultural precede o território político e, com mais razão, precede o espaço econômico”.

Com o passar do tempo, pois, surgem novos territórios, devido às novas relações e transformações, como aquelas provocadas pelos processos de modernização social. É o que Paul E. Little<sup>18</sup> (2002, p.5) confirma: “o território de um grupo social determinado, incluindo as condutas territoriais que o sustentam, pode mudar ao longo do tempo dependendo das forças históricas que exercem pressão sobre ele”.

Porquanto, as buscas mais radicais sobre o que significa estar entrando e saindo da modernidade são as que assumem as tensões entre desterritorialização<sup>19</sup> e reterritorialização

---

16

17 ““Terras indígenas” é uma categoria jurídica que originalmente foi estabelecida pelo Estado brasileiro para lidar com os povos indígenas dentro do marco da tutela. De todos os povos tradicionais, os indígenas foram os primeiros a obter o reconhecimento de suas diferenças étnicas e territoriais (...)” (LITTLE, 2002, p.13).

18 O autor acrescenta: “Existem também processos de acomodação, apropriação, consentimento, influência mútua e mistura entre todas as partes envolvidas” (p. 5).

19 “Este termo se aplica (...) também a grupos étnicos, (...) que cada vez mais operam em formas que transcendem limites e identidades territoriais específicos. Desterritorialização (...) afeta as lealdades de grupos (especialmente no contexto complexo das diásporas), (...) e as estratégias do Estado.” (HASBAERT, 2016 , p.49).

cultural, que se dá em meio a múltiplos territórios:

(...) é importante enfatizar que a desterritorialização não é um processo linear, de mão única, mas um processo caracterizado pelo mesmo *push-and-pull* dialético da própria globalização. Onde existe desterritorialização há também reterritorialização. (...) a desterritorialização não pode significar o fim da localidade, mas sua transformação em um espaço cultural mais amplo (TOMLINSON, 1999, p. 148-149).

Canclini<sup>20</sup> (1995) segue a mesma linha de pensamento e diz que a desterritorialização envolve a passagem de um mundo de “identidades modernas” para um mundo de “identidades pós-modernas”:

[...] em vez de se basearem nas comunicações orais e escritas que cobriam espaços personalizados e se efetuavam através de interações próximas, operam mediante a produção industrial de cultura, sua comunicação tecnológica e pelo consumo diferenciado e segmentado de bens (CANCLINI, 1995, p 36, grifo do autor).

Em meio à reterritorialização das comunidades indígenas surge um ambiente repleto por tecnologias. O que faz com que “se possa exercer “controle” sobre territórios muito distantes, e a descontinuidade de nossos territórios se torna muito mais corriqueira” (HAESBAERT, 2016, p. 268). Aqui, o território na sua dimensão concreta e funcional adquire outra configuração, para o autor seria uma característica da “compreensão” espaço-tempo:

A rede de energia elétrica e a rede telefônica, ou simplesmente o aparelho de computador (dotado de energia por bateria) e o aparelho de telefone (em área cobertura pelo “sinal”), são suficientes para “conectar” com o resto do mundo – ou melhor, com os demais que também e encontram conectados ao redor do mundo (HAESBAERT, 2016, p.269).

Porquanto, o que ambiente virtual nos ensina é que é possível estar ‘conectado’ há inúmeros lugares, sem fronteiras geográficas, com a possibilidade de interação social e cultural. E que nesse local digital, podem expressar muitas de suas tradições.

Canclini (1997, p. 288), por sua vez, ao referir-se aos territórios, cita dois processos: “a perda da relação “natural” da cultura com os territórios geográficos e sociais e, ao mesmo tempo, certas realocações territoriais relativas, parciais, das velhas e novas produções simbólicas”. No entanto, como vimos anteriormente, assim como os meios de comunicação não contribuem para “perda cultural” do ethos indígena, a desterritorialização é um movimento que também está longe de fazer desaparecer os territórios. “Sem sermos radicais ao ponto de falar do fim, mas da reestruturação” (HAESBAERT, 2003, p. 12). O mesmo autor complementa:

[...] por um lado mais híbrido e flexível, mergulhado que está nos sistemas em rede, das novas tecnologias da informação e, por outro, menos flexível, marcado pelos tantos muros que separam “incluídos” e “excluídos”, etnia “x” e etnia “y”, grupos “mais” e “menos” seguros (e/ou violentos) (HAESBAERT, 20016, p. 275).

Em meio a esta reestruturação de territórios, surgem na internet locais simbólicos de apropriação, de fala e de manifestação cultural. Estes ambientes digitais, são propícios e utilizados, como informado anteriormente, pelos nativos indígenas que passam constantemente por um

<sup>20</sup> Canclini ao falar sobre desterritorialização explana ainda sobre a tese do hibridismo cultural. “As culturas já não se agrupam em grupos fixos e estáveis” (1997, p. 9).

processo de “ressignificação dos signos do passado” (COUTINHO, 2005, p. 95)<sup>21</sup>, criam, pois, novos contextos interativos e se redimensionam em um novo território.

Não é um território apenas desses povos, e nem estamos aqui defendendo que o seja, porém de homens e mulheres, de diferentes faixas etárias, nas suas mais diversas expressões culturais. Quiçá, poderíamos dizer que é um ambiente amplamente democrático e passou a ser, com a presença tecnológica diante dos nativos, um novo espaço ou território dos indígenas, os quais foram se apropriando ao longo do tempo.

Por falar de internet, ela é, desde sua origem, muito mais do que uma tecnologia, ela decorre de demandas conectadas em rede que afetam a esfera das comunicações e impactam toda organização social, como ressalta Castells (2001, p. 40): “As redes interativas de computadores estão crescendo exponencialmente, criando novas formas e canais de comunicação, moldando a vida e, ao mesmo tempo, sendo moldados por ela”.

É o chamado ciberespaço por Lévy (2003a), no qual se trata de um espaço social e não tão apenas um novo espaço de comunicação. Esse novo espaço social, é repleto de infraestrutura de redes telemáticas interligando computadores, e mais do que isso, relaciona humanos e não humanos, formando e deformando, como bem explica Lemos (2013):

O espaço do “ciberespaço” é esse espaçamento produzido por lugares, coisas, pessoas e objetos conectados ao redor do planeta. Por isso, ele está sempre em construção. A internet vai produzindo espacialização na relação dos lugares e nas movimentações pelas conexões de tudo e todos, em um espaço de controle que se faz e se desfaz nesse movimento, no tempo (LEMOS, 2013, p.57).

Nesse mesmo sentido, Lemos e Lévy (2010, p.101), ressalva que: “O desenvolvimento de comunidades e redes sociais on-line é provavelmente um dos maiores acontecimentos dos últimos anos, sendo uma nova maneira de ‘fazer sociedade’”. Pierry Lévy (1999, p. 51) é provavelmente o principal teórico da “desterritorialização” no ciberespaço. O autor fala ainda de virtualização até mesmo como sinônimo de desterritorialização:

Quando uma pessoa, uma coletividade, um ato, uma informação se virtualizam, eles se tornam “não-presentes”, se desterritorializam. Uma espécie de desengate os separa do espaço físico ou geograficamente ordinários e da temporalidade do relógio e do calendário (LÉVY, 1999, p. 21).

Ainda segundo Lévy (1999, p.126), passamos nosso tempo a modificar e a administrar os espaços em que vivemos, a conectá-los, a separá-los, a articulá-los, a endurecê-los, a neles introduzir novos objetos, a deslocar as intensidades que os estruturam, a saltar de um espaço a outro. E complementa:

A perspectiva aqui traçada não incita de forma alguma a deixar o território para perder-se no ‘virtual’, nem a que um deles ‘imite’ o outro, mas antes a utilizar o virtual para habitar ainda melhor o território, para tornar-se seu cidadão por inteiro (LÉVY, 1999, p.196).

Para o mesmo autor, o ciberespaço é ainda o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. “O termo especifica não apenas a infra-estrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo.” (Lévy, 1999, p. 17).

É notório, assim, que o fluxo de informações horizontalizadas do ciberespaço, sendo mais pontual, das redes sociais, permite que os próprios indígenas passem de objetos de pesquisa a

---

<sup>21</sup> Ao seguir o pensamento de Gramsci e de Hegel, de pensar a cultura por meio de uma concepção dialética, Coutinho (2005, p.95, grifo do autor) argumenta que: “Conservação e ruptura determinam uma seleção e, necessariamente, *uma reinterpretção dos signos do passado*.”



autores dos seus próprios relatos:

Os povos indígenas podem divulgar os seus valores e pontos de vistas para o mundo, não só, podem formar redes de apoio, conhecer pessoas, construir relacionamentos e se fazerem presentes além das aldeias, ou dos espaços territorialmente demarcados (PEREIRA, 2007, p. 41).

Visto que, muitas vezes, são os próprios indígenas que produzem suas narrativas, repassando através dos discursos a imagem que fazem de si e sobre as questões que desejam ver publicadas na relação deles com a sociedade. O que muitas vezes está relacionado ao fortalecimento de suas tradições e ainda a busca por desmistificar o equívoco do “índio genérico”, como se todas as etnias fossem iguais (FREIRE, 2000), mesmo não precisando provar isto, esses nativos querem “deixar justamente de sê-los [índios genéricos] ao afirmar sua especificidade, ao aprofundar os processos de diferenciação” (GONÇALVES, 2010, p. 98). E como ressalva Gallois e Carelli:

Ao registrarem e visualizarem, no pátio das aldeias, suas performances – sejam rituais ou negociações políticas – essas comunidades selecionam, reconstróem e fortalecem manifestações culturais que elas desejam preservar para as futuras gerações e, sobretudo, que elas julgam adequadas para se contrapor aos não índios. Neste segundo momento, a exigência de acesso à informação se completa com a exigência de comunicação (GALLOIS e CARELLI, 1998, p.3).

Prova disso é a rede social analisada anteriormente e intitulada no facebook como “Nação Xerente – Tocantínia/TO”, tendo como administrador um nativo Akwe-Xerente. A rede, por sua vez, ora pode interferir nas suas tradições culturais, mas sem cair no discurso simplório de “perda cultural”, ora como aliado, sendo uma ‘voz’ a mais na divulgação dos seus costumes e anseios, sendo outra ferramenta no processo de manutenção das suas identidades culturais.

### Considerações finais

É notório, pois, ao analisar a rede social “Nação Xerente – Tocantínia/TO”, sobre o povo *Akwẽ-Xerente*, que o fluxo de informações do ciberespaço permite que os próprios indígenas sejam autores dos seus relatos. E é preciso frisar que essas rupturas com os signos do passado e as reestruturações dos territórios não fazem que os indígenas percam suas relações com espaços tradicionais (geográficos e culturais), e nem há perda dos seus costumes.

Na verdade, “os “índios eletrônicos” ainda representam uma pequena minoria, tratando-se de uma tecnologia dificilmente acessível à maioria das comunidades indígenas” (GALLOIS e CARELLI, 1998, p. 1). No entanto, uma coisa é certa, ao fazerem parte da realidade digital e tecnológica, os indígenas estão utilizando as redes sociais como cenário para reivindicações, anseios e lutas pela preservação das tradições culturais. E criam um novo espaço.

O território tradicional dos Xerente, seus costumes e tradições continuam a existir. No entanto, as tecnologias de comunicação e informação reestruturam esses territórios. E, pelo visto, estão inscrevendo paralelamente, principalmente nas novas mídias, suas marcas identitárias. Cabe aqui ressaltar que será preciso um maior aprofundamento e vivência em uma comunidade *Akwẽ-Xerente* para melhor compreensão e atingir e confirmar as primeiras análises aqui discutidas.

Em poucas palavras, espera-se, diante dessa nova realidade sociocultural, que o ambiente virtual não se torne um meio de imposição do capital e nem tão pouco que silencie a memória indígena. Pelo contrário, possa ser um local de colaboração para reafirmação dos seus anseios e tradições. E que os povos nativos, ao adentrarem nesse universo das redes sociais, continuem nos ensinando sobre igualdade e respeito, assim como já nos ensinam diariamente, com seus modos de viver e se relacionar nas comunidades.

## Referências

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 4. ed. revista e atualizada. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 2009, 282p.

BARTH, Frederick. **Etnicidade e o conceito de cultura**. In: Antropolítica: Revista Contemporânea de Antropologia e Ciência Política. N. 1. Niterói: EdUFF, 1995.

BAUMAN, Zygmunt. **De Peregrino à turista, o uma breve historia de La identidad**. In: HALL, Stuart & DU GAY, Paul. Cuestiones de Identidad cultural. Buenos Aires: Amorrortu, 2003.

BONNEMAISON, J. e CAMBRÉZY, L. **Le lien territorial: entre frontières et identités. Géographies et Cultures (Le Territoire)?**, nº 20. Paris: L'Harmattan, 1996.

CANCLINI, Néstor García. **Consumidores e Cidadãos: conflitos culturais da globalização**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1995.

\_\_\_\_\_. **Culturas Híbridas - estratégias para entrar e sair da modernidade**. Tradução de Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: EDUSP, p. 283-350: Culturas híbridas, poderes oblíquos. 1997.

\_\_\_\_\_. **Culturas Híbridas - estratégias para entrar e sair da modernidade**. Tradução de Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. 4. ed. 7. Impre. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.

CANÇADO, Airton Cardoso. **Fundamentos teóricos da gestão social**. Lavras: UFLA, 2011.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em rede**. Paz e Terra, Volume I, 2001.  
\_\_\_\_\_. **A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, negócios e sociedade**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.

COUTINHO, Eduardo Granja. **Os sentidos da Tradição in Comunicação e Cultura**. (Orgs. Alexandre Barbalho, Raquel Paiva. São Paulo: Paulus, 2005.

CUNHA, Manuela Carneiro da. **Índios no Brasil: história, direitos e cidadania**. 1ª ed. São Paulo: Claro Enigma, 2012.

DEMARCHI, André Luis Campanha. **Kukràdjà Nhipêjx/Fazendo Cultura- Beleza, Ritual e Políticas da visualidade entre os Mebêngôkre-Kayapó**. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro. 2014. Disponível em <[https://issuu.com/andredemarchi/docs/kukradja\\_nhipejx-fazendo\\_cultura](https://issuu.com/andredemarchi/docs/kukradja_nhipejx-fazendo_cultura)>. Acesso em 1 out 2016.

ELHAJJI, Mohammed. **Comunicação, Cultura e Novas Formas de Conflituosidade**. Murcia - Espanha: Sphera Pública, num. 4, p.37-52, 2004.

FAUSTO, C. In: GORDON, César. **Economia Selvagem: mercadoria e ritual entre os índios Kikrin-Mebêngôkre**, São Paulo: Ed. Unesp, ISA; Rio de Janeiro: Nati. 2006. Prefácio.

FREIRE, José Ribamar Bessa. **Cinco Idéias equivocadas sobre os índios**. In Revista do Centro de Estudos do Comportamento Humano (CENESCH). Nº 01 – Setembro 2000. P.17-33. Manaus-Amazonas.

GALLOIS, Dominique e CARELLI, Vicent. **Índios Eletrônicos, uma Rede de Comunicação Indígena**. Revista de Antropologia, Artes e Humanidades, v. 2, 1998.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989. 216 p.

GONÇALVES, Marco Antonio. **Zonas de Contato: quando “cultura” se torna um conceito nativo (Os índios na contemporaneidade)**. In: Traduzir o outro: Etnografia e Semelhança. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2010.

GOETHALS, Karen; AGUIAR, Antónia; ALMEIDA, Eugénia. **História da Internet**. Porto, 2000.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios”: à multiterritorialidade**. 9. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2016.

\_\_\_\_\_. **Da Desterritorialização à Multiterritorialidade**. Boletim Gaúcho de Geografia: v. 29, p. 11-24. Porto Alegre: Portal de Periódicos – UFRGS, 2003.

\_\_\_\_\_. **Identidades territoriais**. In: Corrêa, R. e Rosendhal, Z. (orgs.) *Manifestações da Cultura e Espaço*. Rio de Janeiro: EdUERJ. 1999c.

KIRKPATRICK, David. **O efeito do facebook: os bastidores da história da empresa que conecta o mundo**. Trad. Maria Lúcia de Oliveira. Rio de Janeiro: intrínseca, 2011.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na Pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LEMOS, André. **Espaço, mídia locativa e teoria ator-rede**. Galáxia (São Paulo, Online), n. 25, p. 52-65, jun. 2013.

LEMOS, André; LÉVY, Pierre. **O futuro da internet: em direção a uma ciberdemocracia**. São Paulo: Paulus, 2010.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34. 1999 b.

\_\_\_\_\_. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 2003a.

LIMA, Layanna Giordana Bernardo. **OS AKWĒ–XERENTE NO TOCANTINS - território indígena e as questões socioambientais**. Tese de Doutorado em Geografia Humana do Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. 2016.

LITTLE, Paul E. **Territórios Sociais e Povos Tradicionais no Brasil: Por uma Antropologia da Territorialidade**. Brasília – DF: Série Antropologia, Departamento de Antropologia, Instituto de Ciências Sociais – Universidade de Brasília (UnB), 2002.

NILO, Adriana Tigre Lacerda; OLIVEIRA JUNIOR, Elvio Juanito Marques de; PAIXÃO, Cláudio Chaves. **O efeito das contradições culturais na aldeia Porteira de etnia xerente diante da instalação de antenas parabólicas por operadoras privadas de telecomunicações**, 2013 (mimeo).

\_\_\_\_\_. **A mídia como fator de redimensionamento das tradições indígenas e construção da memória da cultura Xerente - uma análise da aldeia Porteira**. 2010. Disponível em [www.ufrgs.br/alcar/noticias-dos-nucleos/artigos/A%20midia%20como%20fator%20de%20redimensionamento%20das%20tradicoes%20indigenas%20e%20construcao%20da%20memoria%20da%20cultura%20Xerente%20%20uma%20analise%20da%20aldeia%20Porteira.pdf](http://www.ufrgs.br/alcar/noticias-dos-nucleos/artigos/A%20midia%20como%20fator%20de%20redimensionamento%20das%20tradicoes%20indigenas%20e%20construcao%20da%20memoria%20da%20cultura%20Xerente%20%20uma%20analise%20da%20aldeia%20Porteira.pdf). Acesso em 12 jun 2017.

NOVAES, Washington. **O índio e a modernidade**. In: GRUPIONI, Luís D. B. (org). *Índios no Brasil*. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto, 1994.

PEREIRA, Eliete da Silva. **Ciborgues Indígen@as.br: a presença nativa no ciberespaço**. Dissertação de Mestrado. Centro de Pesquisa e Pós-graduação das Américas, Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Brasília, 2007. 169p.

PINTO, Alejandra Aguilar. **A “inclusão digital indígena” na Sociedade da Informação**. Revista Ibero-americana de Ciência da Informação (RICI), v.1 n.1, p.37-51, jul./dez. 2008.

RAFFESTIN, C. **Por uma Geografia do Poder**. São Paulo: Ática. 1988.

RESENDE, Tamires Parreira; FREITAS, Yarim Mayma Ferreira; OLIVEIRA, Pedro Pinto de. **Ciberativismo Nas Redes Sociais: Compartilhando Mudanças**. Intercom – Campo Grande – MS. 2015.

RHEINGOLD, Howard. **The virtual community: homesteading on the eletronic frontier**. New York: Harper Collins, 1993.

ROSA, Gabriel Artur Marra e; SANTOS, Benedito Rodrigues dos. **Facebook e as novas identidades virtuais**. Brasília: Thesaurus, 2013. 200p.

SAHLINS, Marshal. **O “pessimismo sentimental” é a experiência etnográfica: por que a cultura não é um “objeto” em via de extinção**. In: Mana v. III n. 1, 1997.

SCHROEDER, Ivo. **Os Xerente: estrutura, história e política**. Soc. e Cult., Goiânia, v. 13, n. 1, p. 67-78, jan./jun. 2010.

SILVA, Reijane Pinheiro; SOUSA Apoliana Ribeiro de. **Alcoolismo e uso do álcool entre os Akwen Xerente do Tocantins: a perspectiva indígena**. RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção, v. 14, n. 42, p. 109-120, 2015. ISSN: 1676-8965. 2015.

TAVARES, Joana Brandão. **Usos e funções das ciber-informações nativas**. Trabalho apresentado e publicado no XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Manaus, AM: 2013. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2013/resumos/R8-1273-1.pdf>>, Acesso em: fev. 2016.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

TOMLINSON. J. **Globaization and Culture**. Chicago: Chicago University Press, 1999.

Recebido em 15 de junho de 2017.  
Aceito em 25 de setembro de 2017.